

feminino, com idade de 54 anos, residente do município de Ananindeua, que no inquérito epidemiológico relatou ter múltiplos parceiros e já ter praticado sexo em troca de dinheiro.

**Conclusão:** A partir dos dados obtidos pode-se inferir que o HTLV circula na área metropolitana da capital Belém, em uma frequência moderada apesar do baixo quantitativo de amostras coletadas, o que reforça a necessidade de ampliação da investigação da real prevalência do vírus nesta área geográfica.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102274>

PI 279

#### PRIMEIRO RELATO DE MOSQUITOS MANSONIA HUMERALIS NATURALMENTE INFECTADOS COM OS ARBOVÍRUS MAYARO E DENGUE

Flávia Barreto de Sousa,  
Juliana Santana de Curcio,  
Lívia do Carmo Silva,  
Carlos Eduardo Anunciação,  
Sílvia Maria Salém Izacc Furlaneto,  
Ângela Maria Fortes de Andrade,  
Marco Tulio A. Garcia-Zapata,  
Elisângela Paula Silveira Lacerda

*Unidade de Sentinela e Centro de Referência em  
Medicina Internacional e de Viagens, Universidade  
Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil*

**Introdução:** Mosquitos do gênero *Mansonia* spp. são abundantes em regiões em que ocorreram modificações ecológicas promovidas pelo homem, como construções de usinas hidrelétricas, em razão do aumento de macrófitas, indispensáveis na reprodução deste mosquito. Entretanto, não são descritos como vetores de doenças, apesar de algumas espécies serem relatadas como naturalmente infectadas com alguns arbovírus como Mayaro e Chikungunya, não foram realizados estudos de competência vetorial (Aitken, 1960; Diallo, 2012). O objetivo deste trabalho foi avaliar a susceptibilidade e potencial de transmissão de mosquitos *Mansonia humeralis* quanto aos arbovírus Dengue, Mayaro, Chikungunya e Zika vírus.

**Metodologia:** Os mosquitos foram coletados em galinheiros enquanto realizavam o repasto sanguíneo em galos, no município de Jaci Paraná, Rondônia, Brasil. Fêmeas de *M. humeralis* foram selecionadas e separadas em pools de 10 indivíduos contendo cabeça e tórax. Os pools foram testados quanto a presença dos arbovírus Dengue, Mayaro, Chikungunya e Zika vírus por RT-qPCR e alguns pools positivos foram selecionados para o isolamento viral em cultura de células C636 (CRL-1660 - *Aedes albopictus*). Após 3 e 7 dias de cultivo celular, o sobrenadante das células foi coletado para confirmação do isolamento viral por RT-qPCR.

**Resultados:** Este trabalho está em andamento, sendo os seguintes resultados preliminares. Foram montados 140 pools (N = 1.400) contendo cabeça e tórax de fêmeas de mosquitos

*M. humeralis*, destes, 133 foram testados para o arbovírus Mayaro, sendo 33 positivos (33/140), 62 pools testados para Dengue, sendo 08 positivos (08/62) e 48 pools testados para Chikungunya e Zika vírus, sendo ambos negativos. Os sobrenadantes obtidos do cultivo viral foram positivos para o vírus Mayaro, apresentando aumento da carga viral em 7 dias de cultivo, confirmando que os pools obtidos pelo mosquito *M. humeralis* estavam infectados pelo arbovírus Mayaro e que este ainda possuía capacidade de replicação viral in vitro.

**Conclusão:** Este é o primeiro relato de mosquitos *M. humeralis* naturalmente infectados com os arbovírus Dengue e Mayaro. Os resultados indicam o potencial vetorial dos mosquitos *M. humeralis* na transmissão destas arboviroses, visto a infecção na glândula salivar. Portanto, faz-se necessário medidas eficazes de controle destes mosquitos no distrito de Jaci Paraná (RO).

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102275>

ÁREA: SAÚDE GLOBAL (MEDICINA DE VIAGEM, MEDICINA TROPICAL)

PI 290

#### ACHADOS NEUROLÓGICOS EM NECROPSIAS DE PACIENTES COM DENGUE: UM ESTUDO ANALÍTICO

Lucas Fernandes Vasques,  
Beatriz Camargo Gazzi,  
Evelin Leonara Dias da Silva,  
Maria Stella Amorim da Costa Zöllner

*Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP,  
Brasil*

A dengue é uma arbovirose com expressiva amplitude clínica, podendo cursar tanto com uma síndrome febril autolimitada, quanto com choque grave. Dentre os quatro sorotipos virais da dengue, DENV-2 e DENV-3 são os que possuem maior neurotropismo, estando, portanto, mais associados com lesões neurológicas, tais como encefalites, meningites e mielites. No entanto, cabe ressaltar que a neuroinvasão não está, necessariamente, associada a lesões, embora essas sejam cada vez mais prevalentes, sobretudo nos casos graves. Dessa forma, a identificação de lesões cerebrais associadas a marcadores virais são cruciais para a compreensão da neuropatogênese da dengue, além da determinação da incidência desse acometimento. Assim, propõe-se a análise de necropsias de pacientes infectados pelo vírus da dengue, a fim de averiguar a incidência de acometimentos do Sistema Nervoso Central. Trata-se de uma pesquisa analítica, cujos resultados foram retirados de relatos de caso, nos quais houve estudo de tecidos neurológicos post mortem, presentes nas bases de dados Pubmed, Medline e Lilacs e publicados no intervalo de tempo de 2011 a 2021, com os seguintes descritores: “Dengue” e “Autopsy”. Dentre os artigos analisados, foram consideradas as variáveis: número de necropsias, metodologia da confirmação do diagnóstico e os achados neurológicos. Entre os resultados, evidenciou-se que 29, dos 37 casos estudados (78%),

apresentaram alterações do Sistema Nervoso Central. A respeito das lesões, identificou-se uma predominância de sinais de hipóxia (35,13%), edema (24,32%) e congestão (21,62%), com uma menor incidência de Inflamação (10,8%), hemorragia (8,1%), petéquias (5,4%), coágulos (5,4%), infartos (5,4%) e casos isolados de microabscessos (2,7%) e herniação (2,7%). No entanto, cabe ressaltar que a presença de lesões neurológicas não condiz, necessariamente, com manifestações clínicas desse sistema, podendo ou não estar associadas. Portanto, é atestada a correlação entre neuroacometimentos e infecção por sorotipos de dengue, sobretudo em casos graves, sendo que a apresentação dessas patologias foi bastante variada. Dessa forma, a investigação, através das autópsias, possibilita uma maior compreensão da neuropatogênese da dengue, facilitando futuros diagnósticos. Reitera-se a necessidade de contenção do número de casos dessa arbovirose, através de políticas públicas de educação em saúde e prevenção, com o intuito de redução, tanto da transmissão viral quanto dos casos graves.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102276>

PI 281

#### ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA, POR MEIO DO GEOPROCESSAMENTO E QUESTIONÁRIO COM AGENTES DE COMBATE ÀS ENDEMIAS, DOS CASOS DE LEISHMANIOSE VISCERAL E LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA EM BIRIGUI- SÃO PAULO

Nathan Bardini Anhô, Alex Martins Machado, Aline Rafaela da Silva Rodrigues Machado

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil

**Introdução/Objetivo:** A cidade de Birigui, durante sua origem, tinha grande quantidade de mosquitos da subfamília Plebotominae, originando o nome da cidade com origem Tupi Guarani. Além disso, por ter grande quantidade desses insetos na região, a Leishmaniose Visceral (LV) e a Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA) podem ser disseminadas mais facilmente, uma vez que eles são os vetores da doença. Por conta desse fator, Birigui e Araçatuba, foram as primeiras cidades de São Paulo a detectarem, em 1999, casos de LV, a partir desses pontos a doença se disseminou via Ferrovia Novoeste. Objetivou-se determinar a distribuição dos casos confirmados de LV e LTA em Birigui/SP entre 2010/2020, identificando os locais de maior incidência e pontuando possíveis fatores de risco para a doença.

**Método:** Estudo retrospectivo observacional, coletou-se dados de LV e LTA notificados pelo Serviço de Vigilância Epidemiológica de Birigui. Efetuou-se o geoprocessamento dos endereços coletados e plotados com os dados da hidrografia e realizou-se entrevistas com 47 agentes de combate às endemias. Com posterior análise dos dados e identificação dos fatores de risco locais.

**Resultados:** Foram-se encontrados 260 casos no total, sendo 27 de LTA e 233 de LV. Mais pacientes masculinos

foram acometidos (LV 60,1%, 140/233 e LTA 62,96%, 17/27) e/ou brancos (LV 71,7% 167/233 e LTA 92,59%, 25/27). Os bairros Quemil, João Clevelaro, São Brás e Toselar se destacaram com 42/233 dos casos de LV e os bairros Monte Líbano e COAB III com 7/27 dos casos de LTA. A hidrografia também foi um forte fator influenciador na localização dos casos. O Córrego do Baixote está próximo dos bairros Quemil e João Clevelaro; o Córrego Biriguzinho do bairro Quemil e São Brás; o Riacho Moimás do Monte Líbano, indicando, assim, possível associação da hidrografia com a doença. Com o questionário aplicado nos agentes de combate a endemias, identificou-se quatro principais fatores de risco na cidade, sendo eles: presença de matéria orgânica abundante (45-29/47 dos questionários, variando entre os bairros), árvores frutíferas (27-13/47), galinheiros (32-11/47) e animais domésticos (40-33/47).

**Conclusão:** O perfil de pacientes acometidos com LV e LTA no município são homens e/ou brancos, que moram em bairros próximos a áreas de hidrografias. Os fatores de risco, em sua maioria, se devem a falta de medidas de higiene e limpeza local, por isso, para reduzir os casos, faz-se necessário focar nessas medidas profiláticas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102277>

PI 282

#### AVALIAÇÃO DE FATORES QUE IMPACTAM NA INCIDÊNCIA DE RECIDIVAS DE LEISHMANIOSE TEGUMENTAR OU LEISHMANIOSE VISCERAL EM PACIENTES CO-INFECTADOS COM O VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Camila Freire Araújo<sup>a,b</sup>, Iara Barreto Neves Oliveira<sup>c</sup>, Muriel Vilela Teodoro Silva<sup>c</sup>, Ledice Inácia de Araújo Pereira<sup>a,b</sup>, Sebastião Alves Pinto<sup>d,e</sup>, Murilo Barros Silveira<sup>c</sup>, Miriam Leandro Dorta<sup>c</sup>, Simone Gonçalves Fonseca<sup>f</sup>, Rodrigo Saar Gomes<sup>c</sup>, Fátima Ribeiro-Dias<sup>c</sup>

<sup>a</sup> Departamento de Doenças Infecciosas e Parasitárias (DIP), Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

<sup>b</sup> Hospital de Doenças Tropicais Anuar Auad, Goiânia, Goiás, Brasil

<sup>c</sup> Laboratório de Imunidade Natural (LIN), Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

<sup>d</sup> Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil

<sup>e</sup> Instituto Goiano de Oncologia e Hematologia (INGOH), Goiânia, Goiás, Brasil

<sup>f</sup> Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil